

CONTINUAÇÃO DA B1. Localizados no Centro e em Jaraguá, espaços têm visitação de segunda a sexta

MEMORIAL PONTES DE MIRANDA E MUSEUS DA TECNOLOGIA E DO COMÉRCIO TAMBÉM CONTAM HISTÓRIAS

LARISSA BASTOS
REPÓRTER

Bem pertinho dali, na Avenida da Paz, nº 2076, mais uma pérola: o Memorial Pontes de Miranda, localizado no Tribunal Regional do Trabalho de Alagoas (TRT/AL). Por lá, a história é de outra guerra, essa bem mais brasileira: a da conquista dos direitos trabalhistas no País e da evolução do trabalho — e da Justiça especializada que cuida dessa área, em especial por aqui em solo alagoano.

Dividido em três partes, ele traz mobiliário, processos e mais uma série de recursos que ajudam a ilustrar isso. Na primeira delas, é possível acompanhar as transformações pelas quais passou o trabalho, começando com a escravidão de índios e negros e passando pela vinda de imigrantes, pela Revolta da Chibata, pela organização de sindicatos e pela greve geral de 1917, que teve a participação de 70 mil trabalhadores.

Tudo isso até chegar à Era Vargas e à criação das comissões de conciliação entre empregadores e empregados. “Na época, o ministro era Lindolfo Collor. Tivemos a regulamentação da jornada de trabalho e do trabalho feminino e a instituição da carteira de trabalho. Depois vieram as indenizações por demissão sem justa causa, o seguro em caso de acidente”, explica a responsável pelo espaço, Jaqueline Beresford.

Dai é possível partir para a segunda etapa e conhecer um pouquinho mais sobre a fundação do que viria a se tornar o TRT no Estado. Está lá, por exemplo, a certidão da ins-



FOTOS RICARDO LÉO

VISITAÇÃO

O Memorial Pontes de Miranda fica na Avenida da Paz, nº 2076, Centro, e funciona de segunda a sexta-feira, das 9h30 às 14h30. Para entrar no local é só chegar à portaria do TRT e se identificar. Não há necessidade de agendamento e as visitas são gratuitas e guiadas, a não ser que o visitante prefira explorar o espaço sozinho.

talação do órgão, móveis antigos, fotos da primeira junta e da fundação, em 1973, do Fórum Quintela Cavalcante, que hoje abriga dez Varas do Trabalho. A época, elas funcionavam como Juntas de Conciliação e Julgamento.

“Elas eram formadas por três juízes, um togado, com formação em Direito, e outros dois classistas, representantes dos empregados e dos empregadores. Hoje acabou e não existe mais a junta. Temos aqui também livros da ata de julgamento, que hoje não existe mais porque é tudo informatizado, digital. Na vara mais nova, que é a de Coruripe, não existe mais papel. Virou peça de museu”, completa.

Outra vitrine conta um

pouquinho sobre a perseguição aos comunistas. “A maioria dos processos era dos operários das fábricas têxteis e muitos deles faziam parte do Partido Comunista, como é o exemplo do casal Avelino e Elizabeth. Tem até a ficha deles no Dops, que era a Delegacia de Ordem Política e Social. Ele foi afastado de suas atividades porque alegaram que praticava o ‘credo vermelho no seio das massas’, ou seja, professava o comunismo dentro da fábrica, que depois foi condenada a pagar aviso prévio, férias, indenização”, afirma o estagiário de História Alison Alves.

Uma parede que remete ao estilo do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, lembra as princi-

pais profissões e atividades remuneradas que aparecem nos processos trabalhistas. Tem almojarife, telegrafista, sapateiro, radiologista, cosedor de saco, dolo-méstica, lustrador. Mais à frente, outras peças chamam a atenção, como um bingó. Alison explica que era assim que, antigamente, os juízes sorteavam os casos para saber para qual iria cada um deles.

“O pessoal não jogava, não tinha jogatina, não. Era só pra distribuição dos processos, que não eram informatizados”, conta ele, que, no passeio, mostra ainda a galeria de desembargadores, os tipos de toga utilizados, as comendas distribuídas pelo tribunal. O Memorial também guarda o primeiro modelo de

Carteira Profissional utilizada no Brasil e a Constituição Federal de 1934 assinada pelos constituintes.

O tour tem fim no Espaço Pontes de Miranda, o maior acervo sobre o jurista no País. Os itens foram todos doados pela viúva dele, dona Amnérís. São fotografias em diversos momentos da vida, chapéus, perfumes, o passaporte diplomático, as comendas com as quais foi agraciado, caixa de lenço, sapatilha, colete, luva. Vários objetos pessoais, inclusive parte da grande coleção de corujas dele.

“Temos algumas das cartas e escritos dele. Uma de Carlos Drummond, outra de Jorge de Lima, que escreveu agradecendo as obras recebidas e ressal-

ta que o livro *Sabedoria* é profundo e merece meditação apurada. Tem também um telegrama que o então presidente João Figueiredo em que o felicita pela eleição na Academia Brasileira de Letras”, acrescenta Jaqueline.

Na Biblioteca, algumas das obras escritas por Pontes de Miranda, inclusive o *Tratado de Direito Privado*, que compila 60 livros. Todo o material está disponível para pesquisas, num protocolo firmado junto à Universidade Federal de Alagoas. “Numa visão mais moderna de museu, fizemos um protocolo de interesse e hoje temos esse espaço aberto para pesquisa científica”, orgulha-se uma das responsáveis pelo lugar.

DOIS EM UM

A próxima parada é no Jaraguá. É lá, na rua principal do bairro, a histórica Sá e Albuquerque, que estão outros dois museus escondidos dentro de instituições: o da Tecnologia do Século XX e o do Comércio, ambos na Associação Comercial de Maceió. Geridos por Benedito Ramos Amorim, eles oferecem um passeio interessante pela história.

No primeiro deles, o da Tecnologia, tem de um tudo: computadores, máquinas, telefones de várias épocas. Dividido por décadas, o espaço vai mostrando a evolução até os anos 2000, com o lançamento do DVD. “Criamos um museu que causaria interesse à população, principalmente por essa cronologia que ele tem, que você vai vendo a evolução até chegar em 2000, onde o último objeto inventado foi o aparelho de DVD”, diz.

Uma das partes mais interessantes é justamente a ascensão do computador. “Recebemos um da Universidade Federal de Alagoas e é uma peça rara. Dificilmente você encontra uma peça de 1970 nesse estado e com todos os equipamentos”, revela Benedito. “Também guardamos o modelo de primeiro computador doméstico. Aí você imagina que o presi-



VISITAÇÃO

Os Museus da Tecnologia do Século XX e do Comércio e do Comércio ficam na Rua Sá e Albuquerque, 467, Jaraguá. Eles funcionam de segunda a sexta-feira, das 9h às 12h e das 13h às 17h, e a entrada custa R\$ 2.

dente da IBM chegou a dizer que não via razão para que uma pessoa tivesse um computador em casa. Pra você ver como esse homem estava errado”.

Em funcionamento desde 2001, o engraçado é que ele nasceu meio que sem querer. Tudo porque, ao assumir a função, o coordenador de Ação Cultural e Social da Associação ficou sabendo de um discurso do construtor do prédio, o então presidente da entidade, Homero Galvão, que falava da vontade de criar um Museu do Co-

mércio. Com isso em mente, começou uma campanha. Esperava que comerciantes doassem itens.

Mas o que chegou foi bem diferente. “Funcionou tão bem que comecei a receber os mais interessantes objetos possíveis. Cheguei a um ponto em que tinha uma sala cheia de objetos e não conseguia fazer um Museu do Comércio daquilo. Foi então decidi fazer um circuito de tecnologia do século XX. Estávamos entrando no século XXI e de repente aquilo tudo era antigo”.

Nem por isso o Museu do Comércio ficou no papel. Criado um pouco depois, em 2009, ele é outra das atrações no palacete localizado em Jaraguá. A história lá começa com a partida de Pedro Álvares Cabral, em 1498, e a chegada dos portugueses ao Brasil, em 1500. A primeira sala mostra a divisão do País em capitânias, coloca à disposição do público imagens de Alagoas desenhadas por Franz Poust e fala da presença holandesa por aqui.

Livros contextualizam o

circuito e podem ser usados como fonte de pesquisa. Na segunda sala, Comércio e Desenvolvimento, é possível acompanhar um pouco da passagem dos engenhos para as usinas, inclusive com fotos da família do Barão de Vandesmet, o fundador da primeira usina de açúcar em Alagoas, a Brasileiro, firmada nas terras de Atalaia.

A fundação da Associação Comercial, que completou 150 anos no último dia 7 de setembro, também é explorada no lugar.

A primeira ata está lá exposta, contando como tudo aconteceu. “Foram 46 algodoeiros e mais outras pessoas. O José Joaquim de Oliveira, ao fundar a entidade, deu a carta de alforria de uma escrava de dez meses, Benvenida. Ele achava que a instituição deveria ser abolicionista, mas não podia convencer a todos”, conta Benedito.

“O que ele estava dizendo nas entrelinhas era que o desenvolvimento do Estado deveria correr por mãos livres e não cativas”, completa. LB